

# **CRISES E MUDANÇAS NA DEMOCRACIA ATENIENSE: A ATUAÇÃO DE TERÂMENES ENTRE OPORTUNISMO, LEGALISMO E A ‘TERCEIRA VIA’<sup>1</sup>**

**CRISES AND CHANGES IN ATHENIAN DEMOCRACY:  
THERAMENES’ ACTION BETWEEN OPPORTUNISM, LEGALISM  
AND THE ‘THIRD WAY’**

BRENO BATTISTIN SEBASTIANI

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS  
E VERNÁCULAS

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO  
sebastiani@usp.br

orcid.org/0000-0002-3777-6086

DELFINO F. LEÃO

UNIVERSIDADE DE COIMBRA, CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

leo@fl.uc.pt

orcid.org/0000-0002-8107-9165

ARTIGO RECEBIDO A 30-03-2020 E APROVADO A 17-09-2020

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (303439/2019-0). Este trabalho também é parte do projeto “Crises (*staseis*) e mudanças (*metabolai*). A democracia ateniense na contemporaneidade”, apoiado por CAPES (Brasil) e FCT (Portugal) (2019-2020).

**Resumo:** Este texto examina a atuação política do ateniense Terâmenes conforme narrada por Tucídides, Xenofonte, Lísias e pela *Constituição dos Atenienses* atribuída a Aristóteles, a fim de mapear as linhas-mestras que convergiram para tornar Terâmenes paradigmático para o pensamento político grego antigo. As quatro fontes foram selecionadas por serem as cronologicamente mais próximas da personagem dentre as supérstites e, sobretudo, porque condicionaram a recepção de sua trajetória por autores posteriores. O exame almeja pôr em evidência os traços da personagem que fomentaram sua identificação como quintessência do vira-casaca, por um lado, ou do firme legalista, por outro, bem como as implicações dessa postura para a configuração da democracia ateniense no último quarto do século V a.C.

**Palavras-chave:** Terâmenes, crises, vivência democrática.

**Abstract:** This text examines the political performance of Theramenes of Athens as narrated by Thucydides, Xenophon, Lysias and the *Constitution of the Athenians* attributed to Aristotle, so as to map the guidelines that converged to make Theramenes paradigmatic for the ancient Greek political thought. The four sources were selected since they were the chronologically closest to the character among the remaining sources and, above all, because they conditioned the reception of his trajectory by later authors. The paper aims to highlight the features of the character that fostered his identification as a quintessence of the turncoat, on the one hand, or of the firm legalist, on the other, as well as the implications of this posture for the configuration of Athenian democracy in the last quarter of the fifth century BC.

**Keywords:** Theramenes, crises, democratic experience.

Personagens que, à semelhança de Terâmenes, adaptam o próprio comportamento conforme mudanças nascidas de circunstâncias de crise não são, obviamente, um fenômeno exclusivo da antiguidade.

Examinar os contextos em que tais adaptações ocorrem, e por que ocorrem (sobretudo quando impulsionadas por razões políticas), permite melhor embasar também juízos sobre práticas democráticas contemporâneas, identificando balizas do amplo espectro que vão do oportunismo desbragado até a necessária correção de rota.

Este texto discutirá relatos de quatro autores antigos – Tucídides, Xenofonte, Lísias e Aristóteles (aceitando que se possa designar assim, por comodidade, o autor da *Constituição dos Atenienses*) – cronologicamente os mais próximos aos eventos envolvendo a personagem e os mais detalhados, a fim de mapear as linhas-mestras que convergiram para tornar Terâmenes paradigmático para o pensamento político grego antigo. Frank & Monoson (2003 e 2009) vêem especificamente nos passos da *Ath.Pol.* relativos a Terâmenes um exercício de “poetic history” por parte de Aristóteles, que estaria interessado em entrever na personagem “possible and plausible futures for Athens’ constitutional development” (2003: 29). De modo análogo, o presente texto almeja expandir tal perspectiva, identificando nos quatro autores mencionados os traços com que teriam tornado Terâmenes personagem-chave para a compreensão dos significados do ponto de viragem para a democracia ateniense representado pelos eventos de fins do século V.

Ao fazer isso, este texto também constituirá o primeiro arrolamento e exame sistemático, em língua portuguesa, dos autores referidos com o específico objetivo de discutir a complexa personagem de Terâmenes, assim contribuindo para com futuros trabalhos sobre a democracia ateniense nos séculos V e IV que deste ponto possam partir.

A primeira menção de Tucídides a Terâmenes é precisamente para arrolá-lo entre as lideranças de primeira hora do movimento que ficará conhecido como Golpe dos Quatrocentos em 411, conjuntura crítica que, pela primeira vez em um século desde a reorganização da cidade em bases democráticas por Clístenes, provocará uma cisão decisiva entre a facção popular e a dos oligarcas: “Terâmenes, filho de Hagnão, era o primeiro dentre os que abateriam a democracia (ἐν τοῖς ξυγκαταλύουσι

τὸν δῆμον), homem não inábil no falar e no pensar” (8. 68. 4). Ao narrar os momentos finais dos breves quatro meses que o golpe durou, o historiador qualifica explicitamente a ocorrência como στασιασμός (‘sedição’ - 8. 94. 2), reforçando a mesma ideia ao afirmar que “a cidade se encontrava em guerra civil” (πόλεώς τε στασιαζούσης - 8. 95. 2). O momento de *stasis* é também, por sua vez, um motor de *metabole*, isto é, uma mudança, conforme Tucídides qualifica o movimento que põe fim ao golpe e de imediato entrega a condução dos negócios públicos a cinco mil cidadãos, convertendo a cidade, assim, em um novo tipo de regime de governo semelhante a uma aristocracia ([ἐ]ν δὲ τῇ μεταβολῇ ταύτῃ - 8. 98. 1).

O verão de 411, durante o qual transcorre o golpe na cidade, não foi, porém, marcado pela coesão dos líderes do movimento<sup>2</sup>. Reconhecendo-se como a legítima porção democrática de uma cidade tomada por uma facção adversária e numericamente menor, o exército ateniense estacionado em Samos se revolta contra o golpe, sob a competente liderança de Trasíbulo e Trasilo (8. 76). Ante a ameaça representada por esse contingente, somada às esperanças de auxílio persa e vitória contra os lacedemônios despertadas por promessas de Alcibíades, parte dos golpistas percebe na ocasião uma possibilidade de resolver as tensões acarretadas pelo golpe, voltando-se contra o movimento que ajudaram a deflagrar:

---

<sup>2</sup>O golpe de 411 pode ser detalhado em seis fases principais: a) movimento anti-democrático em Atenas e medidas extraordinárias que permitiram a dissolução da democracia; b) tratativas com Alcibíades; c) assembleia em Colono; d) iniciativas dos líderes da oligarquia; resistência em Samos e reconciliação com Alcibíades; e) episódios de Etioneia, revolta da Eubeia e ações dos moderados liderados por Terâmenes; f) queda da oligarquia. Uma vez que este texto tem por foco questões outras que não discutir em pormenor de aspectos políticos, sociais e econômicos referentes ao golpe de 411, para o leitor interessado em indicações de reconstruções e discussões fundamentais para a compreensão do episódio, bem como de seus antecedentes e desdobramentos imediatos, remetemos a Leão 2001: 52-58; Raaflaub 2006; Plácido 2008; Osborne 2010: 277; Shear 2011: 19-69; Gallego 2012 e 2016; Bearzot 2013: 42-126; Forsdyke 2013; Tritle 2013; Tuci 2013; Teergarden 2014: 17-30; Ober 2015: 454-458; Pritchard 2015: 98-99 e 2016; Wolpert 2017; Zumbrunnen 2017; Paiaro 2018; Sebastiani 2018a e 2018b; Sebastiani et al, 2018.

Começaram a se reunir e a criticar a situação, tendo por líderes alguns dos melhores estrategos da própria oligarquia e dos magistrados, como Terâmenes filho de Hagnão, Aristócrates filho de Célias, e outros que haviam estado entre os primeiros naquela conjuntura. Receavam muito o exército de Samos e a pressa de Alcibíades, bem como aqueles embaixadores que haviam enviado à Lacedemônia: temiam, como diziam, que eles prejudicassem a cidade ao arrepio da maioria dos cidadãos. (...)³ não o livrar-se de o excesso ir aos oligarcas, mas poder realmente indicar os Cinco Mil e não só seus nomes, e ainda instituir uma constituição mais igualitária. Era isso o verniz político (σχῆμα πολιτικόν) dessa proposta, pois a maioria deles se entregava a ambições pessoais por meio das quais mais rapidamente pudesse arruinar uma oligarquia nascida de uma democracia: todos se julgaram de imediato não como iguais, mas tal qual se fosse cada um o principal – feita a eleição no interior de uma democracia, cada um aceita facilmente os resultados como se não fora rebaixado por iguais. O que mais claramente os incitou foi a força de Alcibíades em Samos e a impressão de que a oligarquia não resistiria: cada um, então, passou a lutar para tornar-se o principal líder da facção popular (8. 89. 2-4; trad. própria).

O passo narra a primeira ocorrência envolvendo uma mudança de posicionamento decisiva por parte de Terâmenes. A passagem é de difícil interpretação: por um lado, o historiador dá ensejo ao entendimento de que Terâmenes

“exerceu grande pressão sobre os Quatrocentos para que fosse publicada a lista dos Cinco Mil, facto que, aliado ao apoio que os hoplitas lhe dispensaram para estabelecer o governo destes Cinco Mil, pode apontar no sentido de que ele se aliou aos extremistas

---

<sup>3</sup> Parte faltante e/ou corrompida no texto original. Presumivelmente indicaria a meta da facção dos oligarcas que se reuniu em torno de Terâmenes e Aristócrates.

na luta contra os democratas, mas que, na verdade, se identificava com uma constituição moderada desde o início. Ter-se-ia afastado dos extremistas quando compreendera o fraco empenho que estes punham em partilhar o governo com os Cinco Mil, como deveria ter ficado acordado inicialmente” (Leão 2001: 58).

Por outro lado, a desqualificação da postura logo na sequência – “era isso o verniz político dessa proposta” etc. – indicia um viés negativo na apreciação de Terâmenes por Tucídides. Dentre as demais lideranças do golpe, Antifonte sofrerá um processo passível de pena capital (8. 68. 1), Pisandro se refugiará em Deceleia após a deposição dos golpistas (8. 98. 1) e Frínico será assassinado, o que teria levado Terâmenes, incólume e associado a uma facção aparentemente moderada (trecho sublinhado<sup>4</sup>), a “agir com mais audácia” (8. 92. 2). O σχῆμα πολιτικὸν descortinado pelo historiador associa indiretamente Terâmenes a Alcibíades, cujo comportamento camaleônico já teria sido intuído por Frínico:

Aos demais as propostas [de Alcibíades] pareceram viáveis e confiáveis. A Frínico, porém, que ainda era estrategista, nenhuma agradou, pois lhe pareceu que Alcibíades – e assim se dava – não fazia mais caso de oligarquia que de democracia, nem visava a qualquer outra coisa senão a, alterando (μεταστήσας) de qualquer modo a ordem vigente na cidade, retornar chamado por seus companheiros justamente quando todos deveriam ter o maior cuidado de evitar uma guerra civil (μὴ στασιάζωσιν) (8. 48. 4; trad. própria).

Para o historiador ateniense, Terâmenes seria, pois, mais um dentre tantos oportunistas que se teriam servido da opinião popular – o golpe fora votado (8. 67), embora sob intimidação – para, associando-se a

---

<sup>4</sup>No original: 8. 89. 2: οὐ τὸ † ἀπαλλαξείειν τοῦ ἄγαν ἐς ὀλίγους ἔλθειν, ἀλλὰ τοὺς πεντακισχιλίου ἔργω καὶ μὴ ὀνόματι χρῆναι ἀποδεικνύναι καὶ τὴν πολιτείαν ἰσαιοτέραν καθιστάναι.

outros agentes porventura efetivamente empenhados na causa que defendiam, galvanizar para si o máximo de poder e prestígio possíveis, o que efetivamente se concretizou nessa conjuntura. A associação indireta com Alcibíades se faz tanto mais irônica e crítica quando o próprio historiador informa que Terâmenes estava entre os que mais o receavam e aos marinheiros<sup>5</sup>.

Cinco anos depois, em 406, Terâmenes estará à frente de outra situação grave para a cidade e pejada de consequências. Ainda que não explicitamente qualificado como *stasis* por Xenofonte, o processo contra os estrategos das Arginusas indiciava uma mudança profunda na condução do jogo democrático em Atenas: associado ao justicamento por parte do *demos* decorrente das fraturas abertas já em 411, numa verdadeira caça às bruxas contra agentes percebidos como responsáveis pela difícil situação da cidade ao fim da guerra e ante a iminência da vitória espartana, está o preâmbulo de um novo golpe, que novamente contará Terâmenes entre seus protagonistas dirigentes<sup>6</sup>.

Em 406, Terâmenes acusa os estrategos de não terem resgatado os atenienses náufragos, pedindo à assembleia que então os processasse (Xen. *Hell.* 1. 7. 4). A acusação é passível de pena capital. Os estrategos, porém, alegam que, a fim de poderem se concentrar no ataque ao inimigo, tinham incumbido do resgate seus trierarcas que já haviam sido, por sua vez, estrategos, dentre os quais estava o próprio Terâmenes. Mesmo esses, porém, eles continuam, não deveriam ser acusados, uma vez que o resgate não fora possível por conta de uma tempestade (Xen. *Hell.* 1. 7. 5-6). Terâmenes, então, aproveita-se do adiamento do

41

---

<sup>5</sup>Para a discussão do papel dos marinheiros como força constituinte da democracia ateniense e a crítica à visão ideológica antiga de que tais atores seriam tão somente os cidadãos mais pobres, cujas atitudes e requisições tenderiam a radicalismos com potencial para transformar a democracia ateniense em uma *mob rule*, cf. Pritchard 2019: 83-84.

<sup>6</sup>Sobre a atuação decisiva do *demos* no episódio cf. Sano 2018. Sobre a instrumentalização com finalidade política – no caso, a carta de que Terâmenes se teria valido para a própria absolvição – cf. Gazzano 2020, p. 59-60.

42 julgamento e, durante as Apatúrias, festival ocorrido logo em seguida, leva homens vestindo luto como se fossem parentes dos mortos, a fim de pressionar a opinião pública contra os estrategos. Calíxeno, então, em nova assembleia, propõe que todos os estrategos sejam julgados em bloco, não individualmente e, caso condenados, que se lhes impute a pena capital (Xen. *Hell.* 1. 7. 9-10). Quando Euriptólemo acusa de ilegalidade a moção de Calíxeno, então “alguns populares aprovaram, mas a multidão gritou (τὸ δὲ πλῆθος ἔβόα) que seria terrível se alguém impedisse o povo de fazer o que desejava” (Xen. *Hell.* 1. 7. 12)<sup>7</sup>. Quando Licisco se levanta para instigar ainda mais a audiência, dizendo que Euriptólemo e seus apoiantes deveriam ser também julgados como os estrategos, então “a massa produziu novo tumulto (ἐπεθορύβησε πάλιν ὁ ὄχλος), e foram constrangidos a retirar a proposta” (Xen. *Hell.* 1. 7. 13). Quando alguns prítanes se opõem à votação sumária proposta por Calíxeno, ele repete as acusações e novamente os populares “gritaram (οἱ δὲ ἔβόων) que deviam ser chamados também a juízo os que tentavam impedi-lo” (Xen. *Hell.* 1. 7. 15).

Embora o historiador não o afirme explicitamente, tais atitudes constituem manifestações de grande agitação coletiva, consubstanciando, por isso, um momento de *stasis*: não tanto pelo fato de haver posições pró ou contra os generais, mas pelo potencial dilaceramento institucional e processual que o precedente de πρᾶττειν ὃ ἄν βούληται ratificado pelo tumulto intimidatório acarretava para a cidade. Num cenário desses, o voluntarismo repentino e conjectural passaria a prevalecer sobre a ponderação e a norma. A questão, porém, é mais delicada, e uma análise exaustiva ultrapassaria o escopo deste trabalho. Nas entrelinhas da crítica algo aristocrática de Xenofonte, pode-se encontrar o retrato do que, numa outra faixa do espectro político-ideológico ateniense, seria considerado, com todos os bônus e ônus que isso implica, legítima

---

<sup>7</sup> Sobre o significado e as implicações da *graphe paranomon*, cf. Carawan 2007. Aristófanes (Ra. 534-541, 967-970) ironiza com o caráter lábil de Terâmenes no dossiê das Arginusas, mas sem tecer uma crítica mordaz. Cf. Rhodes 2006: 169.

manifestação de debate democrático suscitada, no caso, pela estratégia de Terâmenes de lançar a opinião pública contra os estrategos<sup>8</sup>.

Todos os prítanes cedem então à pressão da opinião pública. Sócrates, porém, recusa-se a deixar passar a ilegalidade, e então Euríptolemo retoma a defesa dos acusados, tentando mostrar que são vítimas de uma conspiração (ἐπιβουλεύομενοι – Xen. *Hell.* 1. 7. 18). Tudo em vão: os estrategos são sumariamente condenados, seis deles presentes em Atenas imediatamente executados e, pouco depois, a multidão se arrepende da decisão, optando por processar aqueles que “havia enganado o povo” (Xen. *Hell.* 1. 7. 34-35). Execrado por todos, Calíxeno morre de fome.

Entre o processo contra os estrategos das Arginusas e os Trinta Tiranos há outro episódio na narrativa de Xenofonte bastante útil para a avaliação da conduta de Terâmenes. Após a vitória espartana em Egospótamo (405), Terâmenes persuadiu os atenienses a enviá-lo como embaixador a Lisandro – ou por sua popularidade estar de novo em alta ou então simplesmente porque, com todas as baixas da guerra, não havia outro político com estatura suficiente para merecer a confiança dos atenienses. Permaneceu então junto ao navarco espartano por mais de três meses, “esperando pelo momento em que os atenienses aceitariam qualquer proposta, uma vez que todos os seus suprimentos de trigo teriam sido consumidos” (*Hell.* 2. 2. 16). Xenofonte então escreve que, na presença da proposta de paz de Lisandro formalizada por Terâmenes,

43

---

<sup>8</sup> Como exemplo de uma possibilidade análoga, V. Gray (2004: 158) retoma o *Pro Mantitheo* de Lísias, ao fim do qual se lê uma afirmação explícita da soberania judicante do *demos* reunido em assembleia, mas cujo contraponto, entretanto, seria a limitação de endossar ou rechaçar políticas promovidas pelos cidadãos ricos: “[u]ne théorie moderne veut que le *dêmos* était son propre maître et qu’il faisait l’apprentissage des affaires politiques par le biais de l’administration quotidienne du *dème*, ou du conseil, ou de leurs comités, mais même dans les discours qu’il adresse au *dêmos* devant les tribunaux, Lysias (XVI 21) identifie ceux qui « font de la politique » (πράττειν τὰ πολιτικά... πράττειν καὶ λέγειν ὑπὲρ τῆς πόλεως) aux riches ; le rôle du *dêmos* n’est pas de faire de la politique de cette façon, mais de détenir le pouvoir ultime en sa qualité de « juge » (οὐ γὰρ ἕτεροι περὶ αὐτῶν κριταὶ εἰσιν, ἀλλ’ ὅμεις)”.

“alguns se opuseram, mas muitos aprovaram e no final votaram por aceitar a paz” (*Hell.* 2. 2. 22). O slogan da *soteria* da cidade se fazia muito mais premente em 404 do que já o fora em 411, e foi sistemática e novamente explorado para minar as bases da resistência popular e da própria democracia (Bearzot 2013: 445). Terâmenes, no episódio, portase como agente duplo<sup>9</sup> ou mesmo como traidor de seus conterrâneos<sup>10</sup>.

A conjuntura compreendida entre o fim da Guerra do Peloponeso e a ascensão dos Trinta Tiranos é revisitada também por Lísias em duas orações, *Contra Eratóstenes* (12) e *Contra Agorato* (13). Por se tratar de um logógrafo que só tinha a ganhar na ocasião com a destruição da imagem de Terâmenes junto à opinião pública ateniense, as informações extraídas de seus textos serão tratadas como juízos ou sugestões verossímeis, que produziram um determinado efeito, mas não como facetas de um retrato historiográfico não mais interessado nas repercussões do momento. Insistindo sobretudo em argumentos de fundo moral e de modo muito mais incisivo do que Tucídides e Xenofonte, uma vez que acusar e demolir a imagem de Terâmenes era fundamental também para retoricamente privar a parte adversária de elementos de apoio argumentativo, Lísias passa em revista as atitudes de Terâmenes desde sua colaboração no golpe dos Quatrocentos (12. 65) para então concluir que o líder ateniense, entre 404/3, “desceu a tamanha vileza” (εἰς τοσοῦτον δὲ κακίας ἦλθεν - 12. 67) de tornar a cidade escrava e mandar à morte os próprios aliados, assim apresentando-o como paradigma de traidor. Terâmenes teria morrido por conta “da própria baixeza” (ὕπερ τῆς αὐτοῦ πονηρίας - 12. 78) depois de se ter mostrado o “mestre dos piores crimes” (δεινοτάτων ἔργων διδάσκαλος καταστάς

---

<sup>9</sup> Tal representação pode ter, entretanto, caráter de acusação tópica, isto é, de procedimento retórico assacado *ad hominem* sempre que se desejava acusar alguém em linhas semelhantes. No século IV, por exemplo, Demóstenes, Ésquines, Fócion e Demétrio de Fáleron serão descritos em termos análogos. Vide Leão 2010 e 2018, respectivamente para os casos de Fócion e Demétrio.

<sup>10</sup> A fonte de Aristóteles e Diodoro, entretanto, preservou uma apreciação mais favorável de Terâmenes (Leão 2001: 68-69). Especificamente sobre Aristóteles cf. *infra*.

- 12. 78)<sup>11</sup>. Em *Contra Agorato*, Lísias imputa a uma conspiração da qual Terâmenes talvez fosse um dos cabecilhas (Θηραμένης καὶ οἱ ἄλλοι οἱ ἐπιβουλεύοντες ὑμῖν - “Terâmenes e os demais que estavam a intrigar contra vós”) a morte de líderes democráticos como Cleofonte, Estrombíquides, Dionisodoro e outros estrategos e taxiarcas que se opuseram à ratificação da paz com Esparta (13. 8-18).

O problema da atuação de Terâmenes no episódio das Arginusas será objeto de debate em Atenas dois anos depois, quando da antilogia entre aquele e Crítias tal qual recriada por Xenofonte (*Xen. Hell.* 2. 3. 15-56). O embate pressupõe, novamente, um contexto semelhante ao de uma *stasis*: Crítias define o próprio lugar de fala afirmando que “sempre fomos abertamente hostis ao povo” (*Xen. Hell.* 2. 3. 28: ἡμεῖς φανερώς ἐχθροὶ τῷ δήμῳ γεγενήμεθα) e retomará a acusação que já pesara contra Terâmenes, a de ter sido incumbido de recolher os naufragos e não tê-lo cumprido, ao que ele responderá insistindo na responsabilidade dos estrategos (*Xen. Hell.* 2. 3. 35). Para além de um acerto de contas tardio, o que Crítias tenta fazer com tal acusação é insistir no caráter mutável, isto é, traiçoeiro (*Xen. Hell.* 2. 3. 29)<sup>12</sup>, do adversário, a fim de desqualificar sua postura refratária ao excesso de violência por parte dos Trinta e eliminá-lo de cena, o que acabará de fato por ocorrer (*Xen. Hell.* 2. 3. 50-56). Como argumento central para a desqualificação, Crítias retratará Terâmenes como quintessência do vira-casaca, recordando-lhe a alcunha pejorativa de “coturno” (*Xen. Hell.* 2. 3. 30-31), uma vez que serviria a ambos os pés direito e esquerdo indistintamente: sendo inicialmente um dos líderes dos Quatrocentos em 411, quando percebe a oposição crescente à oligarquia Terâmenes teria sido o primeiro a lançar o povo contra os oligarcas. E por estar a tentar algo semelhante então em 404/3, assim evidenciaria seu caráter

45

---

<sup>11</sup> Para uma leitura retórica da vilificação de Terâmenes em *Contra Eratóstenes* cf. Murphy 1989.

<sup>12</sup> Nesse único passo se acumulam três expressões alusivas a tal postura atribuída a Terâmenes: ὡς προδότη, προδοσία, ὃν δ' ἂν προδιδόντα.

*eumetabolos* – ‘propenso à mudança’ (σὺ δὲ διὰ τὸ εὐμετάβολος εἶναι - Xen. *Hell.* 2. 3. 32), cujas *metabolai* frequentes (Xen. *Hell.* 2. 3. 33) inspirariam permanente precaução, não confiança. Ao tentar rebater tais acusações, Terâmenes alega ter-se oposto aos chefes dos Quatrocentos que desejavam permitir entregar a cidade aos espartanos, ataca Crítias como a um permanente inimigo tanto da democracia quanto da aristocracia e, por fim, afirma ter sempre se oposto tanto à radicalização da democracia quanto à potencial transformação de uma oligarquia em tirania (Xen. *Hell.* 2. 3. 45-48); sua opção teria sido sempre pela centralidade (uma espécie de ‘terceira via’ moderada), da qual nem no presente momento se afastaria (νῦν οὐ μεταβάλλομαι – “e agora não vou mudar de posição”, Xen. *Hell.* 2. 3. 49)<sup>13</sup>. O historiador não emite qualquer juízo a respeito, deixando tão somente na boca da personagem a auto-apreciação positiva, que será retomada pela tradição que vai de Aristóteles (ou do autor da *Athenaion Politeia*) a Diodoro (ou a Éforo) e forma a base da visão que associa o líder ateniense a uma postura moderada<sup>14</sup>. Com efeito, na *Constituição dos Atenienses* e em Diodoro, os acontecimentos narrados

(...) “são favoráveis a este grupo e, especialmente, à figura de Terâmenes, a quem procuram dissociar dos excessos dos Trinta. Só neles aparece referida a disputa entre os grupos políticos (a propósito do tipo de constituição a adoptar) e a informação de que os Trinta foram estabelecidos por Lisandro com a oposição de Terâmenes.

<sup>13</sup> Assim como a respeito do golpe de 411 (acima), também para reconstruções e discussões recentes fundamentais para a compreensão da problemática histórica a respeito dos Trinta Tiranos, cf. Leão 2001: 52-58; Gish 2012; Bearzot 2013: 166-255; Teergarden 2014: 43-52; Ober 2015: 456-458; Gallego 2012 e 2016; Sano 2018.

<sup>14</sup> Para a crítica à tradição que se lê no tratado aristotélico e seu impacto para a apreciação da democracia ateniense no século IV cf. Sancho Rocher 2004; 2016a; 2016b; 2016c. Para a historiadora seria pouco provável a existência de uma terceira via conscientemente moderada, a meio caminho entre oligarquia e democracia, sobretudo em uma cidade e em um momento em que não convicções ideológicas, mas antes motivos pessoais norteariam as condutas de agentes como Terâmenes.

[...] A fonte [daqueles autores], ao pretender desligar Terâmenes da actuação dos Trinta, teria antecipado no tempo a sua oposição aos extremistas e a Lisandro. Esse antagonismo, de resto, acabaria por levá-lo à morte, transformando-o numa espécie de mártir da causa moderada” (Leão 2001: 68-69).

De Tucídides a Lísias temos como que uma curva ascendente e cumulativa de acusações imputadas a Terâmenes, tanto mais graves quando associadas ao reconhecimento de seu talento prático e intelectual, ainda que o retrato produzido por Xenofonte seja ambivalente, porque marcado por acusações indiretas, atribuídas intranarrativamente a outras personagens<sup>15</sup>. Mas é em Xenofonte também que uma apreciação alternativa parece começar a despontar, apreciação que alcançará maior veemência na *Constituição dos atenienses*, em que o retrato do líder ateniense é traçado de um ângulo totalmente favorável. O autor do texto imputa as diferenças envolvendo a apreciação de sua conduta à complexidade da “vida pública”:

47

(...) aos que não se contentam com uma análise ligeira, ele não se apresenta como alguém que desejava derrubar todas as formas de governo (conforme usam caluniá-lo), mas antes como quem as sustentava a todas enquanto não fossem contrárias à lei, mostrando ser capaz de viver sob qualquer regime político, como é dever de um bom cidadão; mas se desrespeitassem a lei, não alinhava em concessões, a ponto mesmo de tornar-se odioso (28. 5; trad. Leão).

Na sequência do tratado, por outras três vezes Terâmenes será arrolado entre os “homens de bom nascimento e que pareciam distinguir-se pela inteligência e pelo discernimento” (32. 2); será apresentado entre os promotores da dissolução dos Quatrocentos por desaprovar suas

---

<sup>15</sup>Sobre a complexidade do retrato de Terâmenes por Xenofonte cf. Wolpert 2002: 10.

atitudes (33. 2) e entre as lideranças dos “nobres” ao tempo da derrota (34. 3); enfim será descrito como alguém que tentou moderar os excessos dos Trinta e por isso teria sido executado a mando deles (36-37)<sup>16</sup>.

Dessa apreciação, entretanto, uma grande lacuna e um indiciamento indireto se fazem particularmente notáveis. O autor do texto nada diz sobre a atuação do então trierarca quando do processo contra os estrategos das Arginusas e parece envidar todos os esforços para apagar-lhe a pecha de vira-casaca, ou tão somente reproduz uma versão já desbastada desses elementos, que põe em xeque o retrato que se depreende de Tucídides, Lísias e da maior parte das apreciações de Xenofonte. Indiretamente, porém, o texto deixa entrever outro problema, talvez mais grave, associado à figura do líder ateniense: o de destruidor da democracia<sup>17</sup>, constatação já antes feita por Tucídides (8. 68. 4; acima) e Lísias (τὴν ὑπάρχουσαν πολιτείαν καταλύσαι - 12. 70; também em 13. 15 e 13. 17), e indiretamente aludida por Xenofonte (que atribui a Crítias a acusação contra Terâmenes de fomentar a *katalysis* do *demos* em 411 - *Hell.* 2. 3. 28: αὐτὸς δὲ τῆς τοῦ δήμου καταλύσεως). No texto acima sublinhado, se lê já uma versão que associa as mudanças de postura da trajetória de Terâmenes não a motivações particulares, mas a interesses públicos; no centro, precisamente, da formulação, encontra-se, porém, a expressão que indicia o subtexto comum a diversas acusações (aqui qualificadas como calúnias - διαβάλλουσι): o autor se empenha

---

<sup>16</sup>Sobre a releitura positiva da trajetória de Terâmenes a partir da redescoberta da *Athenaion Politeia* em fins do século XIX, cf. Harding 1974. O autor sustenta que a apresentação de Terâmenes como um moderado decorre de uma abordagem diferente da atuação dessa figura e não tanto do uso de fontes ditas ‘moderadas’ (como seria o caso de Andrócion). Argumenta pelo contrário que isso constitui “the Theramenes Myth”, concluindo (p. 111) que “the hypothesis that behind chapter 28 of the *Ath. Pol.* must lie the work of a man of moderate bias, which in turn presupposes that there was a moderate party in the fourth century and that this party worshipped Theramenes and believed in the constitution of the Five Thousand, is both unnecessary and unsupported by fact.”

<sup>17</sup>Acusação gravíssima, passível de pena capital a partir de 410 segundo o decreto de Demofanto (Andoc.1.96-98). Cf. Sebastiani 2018a e 2018b.

por fazer com que πάσας τὰς πολιτείας καταλύειν seja lido em chave positiva, como sinônimo de πάσας προάγειν.

Ajuizar sobre a trajetória política de Terâmenes durante circunstâncias de *stasis* é um desafio para o historiador contemporâneo tão grande quanto o foi para autores antigos. A depender, por outras palavras, de como se encare tal trajetória, estaríamos diante de um oportunista (para os três primeiros autores até aqui examinados) ou um legalista estrito (conforme a restrição ἕως μηδὲν παρανομοῖεν da *Constituição dos atenienses* permite definir), que tenta se antecipar em tempo hábil às catástrofes potenciais que entrevê; da liderança que se vale de um momento de *stasis* pública em proveito próprio, ou daquela que sobrepõe o interesse público a todos os demais, inclusive arriscando a própria vida; e de um caráter a ser definido ora como mutável, ora como necessariamente adaptativo.

De um ponto de vista estritamente ético, nenhum dos retratos é abonador, ao contrário: o primeiro, pela própria (anti-)ética que o embasa; o segundo, pela cumplicidade ou tolerância voluntárias a regimes de exceção que forçosamente implica – dentre todos os episódios analisados, apenas o das Arginusas transcorreu em um momento de plena vigência da democracia ateniense. Todos os demais se deram em momentos críticos em que ameaças de dissolução da democracia tinham Terâmenes entre seus principais promotores. Que personagens orientadas por tais atitudes sejam encontradas em conjunturas oligárquicas ou monocráticas é previsível, pela própria necessidade de sobrevivência que tais contextos de darwinismo sócio-político forçosamente implicam. Encontrá-las, porém, em contextos democráticos e, pior, reencarnadas em agentes de democracias contemporâneas, não é apenas uma simples banalidade, e deveria causar espanto, senão repulsa.

De um ponto de vista político, entretanto, a questão requer maior matização, dada a complexidade das conjunturas que envolve. Frank & Monoson (2003 e 2009) aproximam as atitudes de Terâmenes daquelas dos cidadãos *mesoi*, cuja *phronesis* política se caracterizaria precisamente

pela atenção constante à legalidade. Embora centrada no relato da *Athenaion Politeia*, a perspectiva das pesquisadoras pode ser aplicada também para os demais autores examinados neste texto. Ainda que não mencionada explicitamente em seus relatos, análoga *phronesis* política que caracterizaria os cidadãos *mesoi* seria, a um só tempo, a marca da estrita atenção à legalidade por parte de Terâmenes e, talvez o aspecto mais notório, o elemento definidor de seu caráter adaptativo, permanentemente atento às novas conjunturas forjadas por eventos cruciais para a cidade como a derrota na Sicília, o enfrentamento da armada espartana e a derrota final na guerra. Ciente das novas demandas promovidas por novos acontecimentos, Terâmenes encarnaria a personagem que não nutre ilusões quanto a eventual retomada da *patrios politeia* em bases pré-Guerra do Peloponeso numa circunstância de falta de recursos como a que se sucede à derrota na Sicília, nem quanto à possibilidade de um regime diferente de uma oligarquia quando da vitória de Esparta sobre Atenas. Encarnaria, assim, não o traidor anti-ético, mas o infatigável negociador em busca das melhores condições possíveis ante pressões tão esmagadoras quanto incontroláveis. Apoiou oligarcas quando neles viu uma forma de salvação da cidade, deles se distanciando e se unindo aos democratas tão logo o regime instaurado se tornou insustentável ou deu início a práticas abusivas: em tais circunstâncias, identificou a própria salvação na da cidade – exceção feita talvez ao episódio da embaixada a Lisandro.

Quando ao problema ético e ao político se conjugam fatores econômicos que podem ter lastreado as iniciativas de Terâmenes, o quadro em que se deram suas atitudes talvez ganhe nova moldura. Neto do rico Nícias e, como também o pai Hagnão, com quem foi um dos Trinta, ativo participante de processos decisórios cruciais da democracia ateniense, muitas de suas atitudes podem ser tomadas como mudanças propostas “de cima” ou adaptações convenientes sobretudo a quem as propõe. Tanto no passado distante como hoje, tais mudanças mais contribuíram para desencadear ou agravar situações de crise do que para efetiva-

mente solucioná-las. A recorrência de lideranças ditas democráticas cujas condutas se pautam por tal perfil deveria acender em todos os lugares um vistoso sinal de alerta – e não nos referimos tão somente à (anti-)ética inerente a tal postura. Protocolos democráticos fundamentais como igualdade civil e legal, ou o direito à justiça, à verdade, à palavra, ao contraditório e à ampla defesa, perdem o posto de garantia do sistema para serem reconfigurados como vagas possibilidades, num processo cuja única função é (mal) disfarçar o predomínio avassalador do poderio econômico sobre decisões coletivas. De modo análogo ao que ocorre em democracias contemporâneas, também nas antigas os interesses econômicos de uma minoria podiam instrumentalizá-la, beneficiando-se, protegendo e legitimando por meio do debate político e com respaldo popular. Democracias antigas, como as contemporâneas, não existiriam sem ao menos alguma perspectiva de democratização também na esfera econômica com vistas à equidade social. Dentre as lições que se poderiam extrair desse quadro e impactar diretamente a vivência democrática contemporânea, talvez ainda valha insistir numa que é já tão antiga quanto recorrentemente escamoteada em diversas instâncias e por distintos agentes<sup>18</sup>: a de que a ausência de empenho por uma democracia econômica que se exprima também

51

---

<sup>18</sup>Sobre o problema da igualdade econômica na democracia ateniense cf. Cartledge 1996, Raaflaub 1996 e, principalmente, Patriquin 2015: 82: “[i]f Athenian democracy teaches anything it is that struggle for relative equality on the ‘material plane’ is essential if we are to move beyond forms of public decision-making that disproportionately benefit society’s elite. In short, economic democracy is a necessary prerequisite of political democracy. Without the former, the latter cannot exist”. O estudo de Patriquin ecoa, por sua vez, uma das teses centrais de E. M. Wood: “[a]s long as direct producers remained free of purely ‘economic’ imperatives, politically-constituted property would remain a lucrative resource, as an instrument of private appropriation or, conversely, a protection against exploitation; and, in that context, the civic status of the Athenian citizen was a valuable asset which had direct economic implications. Political equality not only coexisted with, but substantially modified socio-economic inequality, and democracy was more substantive than ‘formal’” (Wood 2012: 184). Sobre a questão econômica nas conjunturas dos golpes de 411 e 404/3 cf. Ober 1989: 192-247; Pritchard 2015: 98-99; Sebastiani 2018a e 2018b.

como social e política equivale à complacência, senão cumplicidade, com formas de dominação que se esgueiram sob belos nomes facilmente legitimáveis por prestidigitadores retóricos, seja porque esses alteram com frequência as próprias posturas, seja quando corrigem as próprias decisões norteados por interesses próprios ou do grupo que os apoia, como o caso de Terâmenes parece exemplificar. Tal negligência acarreta mudanças meramente cosméticas e superficiais, que tanto melhor asseguram o predomínio político daqueles que têm muito a perder com o equacionamento de um dos mais complexos problemas políticos de todas as épocas: a hiperconcentração de instrumentos econômicos, problema apenas entrevisível nos textos dos historiadores antigos, mas que emoldura a atuação de lideranças tais e condiciona democracias contemporâneas – quando não são diretamente confrontadas por um povo desiludido e desmistificado, como fizeram os soldados e marinheiros atenienses contra os golpistas de 411 (Thuc. 8. 76).

52

## BIBLIOGRAFIA

- Aristotelis (1968), *Ἀθηναίων πολιτεία*. Ed. H. Oppermann, Leipzig.
- Bearzot, C. (2013), *Come si abbatte una democrazia. Tecniche di colpo di Stato nell'Atene antica*, Roma - Bari.
- Carawan, E. (2007), "The Trial of the Arginusai Generals and the Dawn of 'Judicial Review'", *Dike* 10: 19-56.
- Cartledge, P. (1996), "Comparatively equal", in J. Ober, & C. Hedrick (eds.), *Demokratia. A Conversation on Democracies, Ancient and Modern*, Princeton, 175-186.
- Forsdyke, S. (2013), "The Impact of Democracy on Communal Life", in J. Arnason, K. Raaflaub, & P. Wagner (eds.), *The Greek Polis and the Invention of Democracy. A Politico-Cultural Transformation and its Interpretations*, Chichester, 227-259.
- Frank, J., & Monoson, S. (2003), "Aristotle's Theramenes at Athens: a Poetic History", *Parallax* 9.4: 29-40.

- Frank, J., & Monoson, S. (2009), “Lived Excellence in Aristotle’s *Constitution of Athens*: Why the Encomium of Theramenes Matters”, in S. Salkever (ed.), *The Cambridge Companion to Ancient Greek Political Thought*, Cambridge, 243-270.
- Gallego, J. (2012), “La liberación del *dēmos*, la memoria silenciada. Atenas, de la violencia oligárquica a la amnistía democrática”, *AHAMyM* 44: 11-31.
- Gallego, J. (2016), “De la democracia a la oligarquía y de la oligarquía a la democracia, una y otra vez: Atenas, 411-403 A. C.”, in M. Campagno, J. Gallego, & C. G. M. Gaw (eds.), *Regímenes políticos en el Mediterráneo antiguo*, Buenos Aires, 153-165.
- Gazzano, F. (2020), “Lettere dal fronte: diplomazia e trame personali nei primi anni della guerra ionica (413–410 a.C.)”, *Histos* 14: 35-69. Disponível em: <<https://research.ncl.ac.uk/histos/documents/2020AA02GazzanoLettredalfrente.pdf>>.
- Gish, D. (2012), “Defending *dēmokratia*: Athenian Justice and the Trial of the Arginusae Generals in Xenophon’s *Hellenica*”, in F. Hobden, & C. Tuplin (eds.), *Xenophon: Ethical Principles and Historical Enquiry*, Leiden - Boston, 161-212.
- Gray, V. (2004), “Le Socrate de Xénophon et la démocratie”, *Les études philosophiques* 69: 141-176.
- Harding, P. (1974), “The Theramenes Myth”, *Phoenix* 28.1: 101-111.
- Leão, D. F. (2001), *Sólon. Ética e política*, Lisboa.
- Leão, D. F. (2010), “*Tyche, Kairos* et *Chronos* dans le Phocion de Plutarque”, in F. Frazier, & D. F. Leão (eds.), *Tychè et pronoia. La marche du monde selon Plutarque*, Coimbra - Paris, 183-194.
- Leão, D. F. (2015, 4ª ed.), *Aristóteles. Constituição dos atenienses. Introdução, tradução do grego e notas*, Lisboa.
- Leão, D. F. (2018), “Demétrio de Fáléron e a reinvenção da *polis* democrática”, in B. B. Sebastiani, D. F. Leão, L. Sano, M. Soares, & C. Werner (eds.), *A poiesis da democracia*, Coimbra, 241-270.
- Lisia. (1997, 5ª ed), *Orazioni (I-XV). Introduzione, traduzione e note di E. Medda*, Milano.

- Murphy, T. (1989), "The Vilification of Eratosthenes and Theramenes in Lysias 12", *AJP* 110: 40-49.
- Ober, J. (1989), *Mass and Elite in Democratic Athens. Rhetoric, Ideology, and the Power of the People*, Princeton.
- Ober, J. (2015), *The Rise and Fall of Classical Greece*, Princeton.
- Osborne, R. (2010), *Athens and Athenian democracy*, Cambridge.
- Paiaro, D. (2018), "La democracia ateniense entre la estabilidad y la anarquía", *Sociedades Precapitalistas* 8.1: 1-17.
- Patriquin, L. (2015), *Economic Equality and Direct Democracy in Ancient Athens*, New York.
- Plácido, D. (2008), "Las relaciones clientelares en la evolución de la democracia ateniense", *Circe* 12: 225-242.
- Pritchard, D. M. (2015), *Public Spending and Democracy in Classical Athens*, Austin.
- Pritchard, D. M. (2016), "Public Spending in Democratic Athens", *Ancient History* 46: 30-50.
- Pritchard, D. M. (2019), *Athenian Democracy at War*, Cambridge.
- Raaflaub, K. (1996), "Equalities and Inequalities in Athenian Democracy", in J. Ober, & C. Hedrick (eds.), *Demokratia. A Conversation on Democracies, Ancient and Modern*, Princeton, 139-174.
- Raaflaub, K. (2006), "Thucydides on Democracy and Oligarchy", in A. Rengakos, & A. Tsakmakis (eds.), *Brill's Companion to Thucydides*, Leiden - Boston, 189-222.
- Rhodes, P. J. (2005), *A History of the Classical Greek World, 478-323 BC*, Malden - Oxford.
- Sancho Rocher, L. (2004), "Los 'moderados' atenienses y la implantación de la oligarquía. Corrientes políticas en Atenas entre 411 y 403 a.C.", *Veleia* 21: 73-98.
- Sancho Rocher, L. (2016a), "Terámenes: ¿traidor, 'coturno' o moderado?", in F. M. Simón, F. P. Polo, & J. R. Rodríguez (eds.), *Autorretratos. La creación de la imagen personal en la antigüedad*, Barcelona, 13-40.
- Sancho Rocher, L. (2016b), "Sociología de la stásis, I. El dêmos y los oligarcas en 411 a.C.", *Athenaeum* 104.1: 5-30.

- Sancho Rocher, L. (2016c), “Sociología de la *stásis*, II. El soporte social de los Treinta y el del *dêmos* en 404/3”, *Athenaeum* 104.2: 373-396.
- Sano, L. (2018), “O povo arrependido: Xenofonte e o julgamento dos generais da Batalha de Arginusas”, in B. B. Sebastiani, D. F. Leão, L. Sano, M. Soares, & C. Werner (eds.), *A poiesis da democracia*, Coimbra, 127-152.
- Sebastiani, B. B. (2018a), “The Coups of 411 and 404 in Athens: Thucydides and Xenophon on Conservative Turns”, *GRBS* 58.4: 490-515.
- Sebastiani, B. B. (2018b), “Atenas, 411: do golpe oligárquico à *poiesis* da democracia”, in B. B. Sebastiani, D. F. Leão, L. Sano, M. Soares, & C. Werner (eds.), *A poiesis da democracia*, Coimbra, 68-94.
- Sebastiani, B. B., Leão, D. F., Sano, L., Soares, M., & Werner, C. (eds.) (2018), *A poiesis da democracia*, Coimbra.
- Shear, J. L. (2011), *Polis and Revolution. Responding to Oligarchy in Classical Athens*, New York.
- Thucydides (1967-70), *Historiae*. Ed. H. S. Jones, J. E. Powell. 2 vols, Oxford.
- Teergarden, D. (2014), *Death to Tyrants! Ancient Greek Democracy and the Struggle against Tyranny*, Princeton.
- Trittle, L. (2013), “Democracy and war”, in J. Arnason, K. Raaflaub, & P. Wagner (eds.), *The Greek Polis and the Invention of Democracy. A Politico-Cultural Transformation and its Interpretations*, Chichester, 298-320.
- Tuci, P. A. (2013), *La fragilità della democrazia. Manipolazione istituzionale ed eversione nel colpo di stato oligarchico del 411 a.C. ad Atene*, Milano. Disponível em: <<http://www.ledonline.it/index.php/Erga-Logoi/pages/view/qel-2-atene-democrazia>>.
- Wolpert, A. (2002), *Remembering Defeat. Civil War and Civic Memory in Ancient Athens*, Baltimore.
- Wood, E. M. (2012), *The Ellen Meiksins Wood Reader. Edited by Larry Patriquin*, Leiden - Boston.
- Xenophon (1968), *Opera omnia I*. Ed. E. C. Marchant. Oxford.
- Zumbrunn, J. (2017), “Thucydides and the Crowd”, in S. Forsdyke, E. Foster, & R. Balot (eds.), *The Oxford Handbook of Thucydides*, Oxford, 475-489.

